

## AS PERSONAGENS FEMININAS NA DRAMATURGIA AMAZÔNICA: ENTREVISTA COM JÓRIA LIMA

*Edilene Tavares Pessoa Santiago*<sup>1</sup>

*Jória Lima*<sup>2</sup>

Esta entrevista foi realizada em 25 de outubro de 2023 via e-mail. As perguntas a seguir são a base da entrevista, mas não limitam o espaço para informações e análises outras que se fizerem pertinentes aos temas relacionados à historiografia literária em Rondônia, sobre, principalmente, os textos escritos e adaptados para o teatro. Desde já, expresso meus agradecimentos a Jória Lima pelas valiosas contribuições à pesquisa acadêmica sobre a Literatura produzida no Estado de Rondônia.

**Edilene** – O que as personagens da peça teatral “Filhas da Mata” representam? Quem é essa “Mata” – mãe dessas “Filhas”? É uma metáfora social?

Jória Lima – As três personagens femininas de Filhas da Mata: Catarina, Santinha e Marta representam dentro do texto dramático as mulheres que habitam a região norte, em especial no nosso Estado de Rondônia, representando as mulheres ribeirinhas, esposas de seringueiros e que vivem isoladas na floresta. No plano da metáfora social, estas personagens femininas que sofrem violência contra a mulher, que se encontram em situação de vulnerabilidade e extremo risco, que são vítimas de crimes sexuais e que precisam se isolar e se unir para se defender da opressão social e machista, são manifestações de representatividade de muitas mulheres no Brasil e no mundo. Todas as três personagens foram mães que perderam seus filhos e de forma violenta, vítimas da fome, da ignorância e da barbárie. Algumas perdas de amor recebem nome.

---

<sup>1</sup>Mestranda em Estudos Literários (PPGMEL/Fundação Universidade Federal De Rondônia).

E-mail: [edilene.stp@gmail.com](mailto:edilene.stp@gmail.com).

<sup>2</sup>Atriz e dramaturga em Rondônia.

Quando os filhos perdem os pais ficam órfãos, quando uma esposa perde o marido fica viúva, como se chama uma mãe que perde o filho? Tamanha dor é inominável. Quem é capaz de compreender e absorver essa dor de “ex-mãe”? É uma identidade que se perde. Uma identidade construída a partir da existência do outro, que só existe em razão do outro. Só outra mãe que também perdeu seus filhos pode compartilhar dessa emoção. A nossa Mata, a nossa Floresta Amazônica, é essa mãe que perdeu muitos filhos e que ainda perde. Somente ela em seu útero de rio é capaz de absorver a dor dessas mulheres.

**Edilene** – Que mensagens a autora quer passar aos leitores/espectadores?

Jória Lima – A mensagem central é de resistência. Cada personagem a seu modo resiste à opressão e violência sofridas. Santinha se apoia na cultura e costumes da religiosidade ligada à santeria, às crenças afro-indígenas, rituais e benzeções; Marta reage de forma violenta reproduzindo o que viveu e aprendeu em sua criação no universo masculino; Catarina se isola em seu mundo próprio alienando-se ou protegendo o seu sonho e a esperança. Juntas elas criam um núcleo feminino que se protege, se defende e se auto regula para sobreviver, o que é próprio da sororidade feminina, quando existe. Outras mensagens também são emanadas, como o aprendizado a partir da contemplação da natureza; a valorização da sabedoria milenar dos povos originários repassada de geração a geração via oralidade; também fica demonstrado o silenciamento, o acobertamento e a normalização da violência de gênero. Está presente também o amor, a coragem e o medo, em diferentes momentos. O medo se faz presente na ausência do amor e vice-versa, o amor é oposto do medo, e a coragem surge como a capacidade de agir apesar de. Apesar do medo, apesar da solidão, apesar da pouca força física, apesar do preconceito, apesar das grandes chances de sair perdendo, apesar da falta de apoio, apesar de ser mulher...apesar de...A minha mensagem como autora do texto para você, é: Cuidado menina!! Aqui nesta floresta os lobos não se disfarçam em pele de cordeiro. Não precisam. Esta terra é de lobos. Cuidado menina!! Não estou dizendo para não entrar na floresta, estou avisando que há perigos e que se você decidir ir, eu estarei com você!

**Edilene** – Como a senhora analisa a trajetória da mulher diante de uma sociedade que ainda reproduz comportamentos do patriarcalismo (discriminação, misoginia, violência)?

Jória Lima – É uma trajetória de amor, coragem e medo. É um caminhar apesar de!

**Edilene** – Em “Filhas da Mata” não há personagem masculino. Por quê?

Jória Lima – Que bom que observou isto! Esta foi uma escolha voluntária e consciente, assim como também, não há indígenas com penachos na cabeça. Eu queria falar da região Norte sem incorrer no imagético folclórico de exuberância quase exótica que o resto do país e do mundo fazem da floresta amazônica, esquecendo-se muitas vezes de olhar para as pessoas de carne e osso que habitam verdadeiramente aqui embaixo das copas já quase inexistentes. De como vivem, do que necessitam, quais são seus reais desafios, anseios e visões de mundo. E neste contexto, se já somos invisíveis enquanto coletivo, imagine a fatia mulher desse bolo. Por esta razão, dar voz a estas mulheres, destacar essa perspectiva feminina da história silenciada em muitas narrativas oficiais, se fez urgente e necessário. Seria necessário todo um capítulo para narrar a história das mulheres nesta região, então, escolhi algumas narrativas com as quais tive contato e uma delas é sobre a história da minha própria avó paterna, esposa de seringueiro e que viveu na floresta, o que me serviu de base para alguns pontos tratados no texto.

O olhar colonizador que por tantas vezes explorou as riquezas naturais da região e por conseguinte, dominou, dizimou, tiranizou o povo originário, persiste na cultura local com relação à subjugação de gênero e etnia. Nossa terra é uma mulher violada e deixada à margem da estrada com as pernas abertas e sangrando. E ninguém se importa. Os bicos de seus seios foram arrancados com a boca, numa mordida selvagem e cuspidos às formigas. E a fila de abusadores é grande e contínua. E ninguém denuncia porque também estão na fila esperando a sua vez. Essa imagem era muito comum nas décadas de 80 e 90 na cidade de Porto Velho, onde ocorriam as chamadas “curras” que eram estupro coletivo de moças jovens. Nós crescemos com medo. E ainda hoje essa violência persiste no Estado que ocupa o primeiro lugar no triste e abominável ranking do feminicídio [como registra o Mapa da Violência de 2023]. Conclusão, podemos até tentar tirar o homem “da cena”. Mas, não conseguimos apagar sua violência da memória coletiva. Ela é constitutiva do nosso povo.

As figuras masculinas no texto são apenas citadas, inclusive os indígenas, apenas mencionados nas falas das personagens e a única figura masculina que, supostamente, se aproxima e bate à porta, é levada até o *tapiri* para ser comida pelas formigas tucandeiras. Uma forma terrível, consciente, fria e premeditada de assassinato. Uma vingança histórica e catártica. A morte poética, assim posta nos bastidores como

acontece na tragédia grega, distante dos olhos do público, apenas narrada para causar maior terror a partir da própria imaginação do espectador.

“Um soco no estômago” como disse um espectador anônimo que se jogou de joelhos ao meu colo no final do espetáculo e pedia aos prantos: “desculpa, perdão, perdão” e acho que naquele momento o perdão também foi coletivo.

**Edilene** – Essa peça foi encenada (quando, onde e quantas vezes)? Foi publicada?

Jória Lima – Esse texto recebeu o prêmio nacional de Dramaturgia da FUNARTE e naquele mesmo ano foi encenado pelo Grupo O Imaginário e apresentado em todas as regiões do país através do SESC Palco Giratório durante um ano. Foram dezenas de cidades que não consigo precisar agora o número exato. Foi uma experiência absolutamente incrível, da qual participei também como atriz, onde interpretei a Catarina e a peça recebeu muitos elogios por onde passamos. Inclusive da crítica estrangeira no Festival Internacional de Teatro que destacou a dramaturgia como sendo “um novo vento vindo do Norte”.

**Edilene** – Que outros textos de sua autoria apresentam temáticas sobre a mulher?

Jória Lima – Não busquei escrever somente sobre essa temática, na verdade ela se torna presente em razão das circunstâncias reais, mas um próximo texto que escrevi e levei à cena foi “CABARET: paródia de um amor romântico”, que trazia também questões de violência contra a mulher e como denunciá-la através do disque 180. Esta peça foi encenada poucas vezes, porém, levou um público de milhares de pessoas à arena do pátio da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, segundo os bombeiros tiveram 15 mil pessoas se divertindo e ao mesmo tempo repetindo disque 180 e denunciando.

**Edilene** – Há muitas pesquisas sobre romance, poesia e contos produzidos por escritores rondonienses. Por outro lado, nota-se uma escassez na produção e publicação do gênero dramático. Por quê?

Jória Lima – Essa escassez do gênero literário não se restringe só ao nosso Estado, assim como também, o menor percentual de participação feminina como dramaturgas. Quanto ao porquê eu tenho

suposições, porém, não tenho certeza. O gênero dramaturgico se dirige precipuamente àquele ou àquela que trabalha com teatro. Ler um texto teatral com suas rubricas é chato para quem não é do ramo e às vezes até para quem é. Esta é uma verdade inaudita. Você não vê textos teatrais nas livrarias com a mesma frequência e disponibilidade nas prateleiras como vê romance, poesia, contos, livros técnicos ou de autoajuda. Não me lembro de um texto teatral que tenha se tornado um *bestseller*. O contrário é mais fácil um *best seller* ser adaptado para a cena teatral. Por uma razão muito simples, o texto teatral é para ser encenado, não para ser lido. A sua forma de fruição é a cena no palco. No máximo estudado academicamente e por críticos teatrais, de resto ninguém o suporta, (risos). Por esta razão, temos poucos publicados, porque não vende. E, como os dramaturgos e dramaturgas precisam viver, já partem do texto diretamente para a cena seja no teatro, na TV, no cinema ou nas plataformas de streaming. Temos dramaturgas incríveis, mas que ainda estão no desconhecimento do grande público.

**Edilene** – Qual a sua opinião sobre a produção e publicação de textos para o teatro em Rondônia?

Jória Lima – Com relação à produção, considero motivo de tristeza e júbilo ao mesmo tempo ser a primeira dramaturga que escreveu sobre tema regional e de mulheres no Estado de Rondônia. Antes de *Filhas da Mata*, não encontrei qualquer registro anterior e se houver, espero que me seja informado, terei prazer em conhecer. Sendo, portanto, este, um marco inicial da produção local, posso dizer que a partir daí tivemos o prazer de assistir a espetáculos com temas regionais autorais. A nossa peça foi motivo de inspiração e estímulo para muitos artistas, e isso tem o valor de um prêmio de reconhecimento. Não sei dizer quantos, mas uma dezena de espetáculos autorais, com certeza, foram produzidos. Quanto à publicação enquanto texto não tenho notícia, mas levado ao público em forma de encenação teve sim, excelentes trabalhos.

**Edilene** – Que outros/outras autores(as) a sra indica como referências da produção literária (poesias, romances, contos e, principalmente, peças teatrais) em Rondônia?

Jória Lima – Nós utilizamos poesias de Nilza Menezes no início da peça, com a devida autorização e foi simplesmente lindo. Além de Nilza, admiro muito o trabalho literário de valorização da cultura local com os contos da professora Nair Pereira Gurgel, os textos teatrais de Fabiano Barros, vencedor

do Festival de Gramado em 2023, os romances do Mestre Antônio Cândido, um dos quais tive o prazer de produzir e publicar, somente para citar alguns representantes dos diferentes gêneros.

**Edilene** – Existe alguma relação entre a literatura e os fatos históricos que constituem o processo de formação de Rondônia?

Jória Lima – Sim, na minha forma de ver existe intrínseca relação entre a literatura produzida aqui e os fatos históricos. Em sua grande maioria se entrelaçam. Meu livro mesmo “Por detrás daquelas cartas”, está relacionado a um fato real ocorrido aqui em Rondônia que foi o desaparecimento por 3 dias do governador do Território do Guaporé, Aluísio Ferreira cujo avião monomotor havia sumido misteriosamente na floresta e foi resgatado por um piloto norte americano de quem se tornou amigo e correspondente.

**Edilene** – É possível afirmar que há uma identidade literária na Amazônia? A partir de quais elementos essa identidade é apresentada ou representada?

Jória Lima – Eu creio que sim, é possível afirmar que existe uma identidade literária na Amazônia a partir dos cenários em que são apresentadas as histórias, a partir de temáticas escolhidas, a partir de alguns elementos mitológicos utilizados.

Anexar, em seguida, informações biográficas (naturalidade, quanto tempo reside em Rondônia) e outras informações que considerar importantes para serem agregadas neste trabalho (pessoais/profissionais/trajetória como escritora/dramaturga):

Jória Baptista de Souza Lima. Natural de Manaus- AM. nasci em 31 de março de 1971. Mudei para Porto Velho em 1981 com a família. Fui estudar Direito e Teatro em Belo Horizonte, na UFMG e no Teatro Universitário, em 1998. Profissionalizei-me como atriz aos 18 anos e como advogada aos 24 anos. A capacitação se desenvolveu ao longo de diversas oficinas, cursos, *workshops* com artistas nacionais e estrangeiros. Após anos atuando nos palcos, TV e cinema como atriz e diretora de teatro, passo a estudar dramaturgia de forma intensiva no Grupo Galpão com Luís Alberto de Abreu e outros nomes importantes da cena nacional. Inicia-se ali a carreira como dramaturga profissional com trabalhos levados a cena em Belo Horizonte: “Caixa Postal 1500”, “Eros e Tanathos”, “Arena de Tolos”, “Por no gráfico”, e outros. Especializei-me em Arte Contemporânea e Administração Pública.

Tenho dois filhos(um casal): Joshua e Rebecca. Retorno para Porto Velho em 2004 e começo a dar aulas de atuação no Ponto de Cultura ponto de início no Teatro Banzeiros e no SESC. Escrevo “Filhas da Mata” em 2009; circulamos em 2010 e em 2011 organizei o grupo “Anômade Cia de Teatro” com meus ex-alunos. Dirigi vários trabalhos em Porto Velho como “Álbum de Família”; “Sete Gatinhos”; “A casa de Bernarda Alba”; “Cabaret, paródia do amor romântico”. Essa é a nossa história (em apresentação atualmente) e outros roteiros de curta metragem e publicitários. Fui assessora jurídica no TCE-RO, fui secretária municipal de cultura na FUNCULTURAL, fiz o Mestrado em Letras na UNIR(Fundação Universidade Federal de Rondônia), fui empresária da educação com uma escola de cursos técnicos e universidade EAD. Sempre desenvolvendo trabalhos nas áreas artística e jurídica simultaneamente.

*Data de submissão: 20/10/2024*  
*Data de aprovação: 30/11/2024*